A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

RAPHAEL. P.   CH. CABASSON. D.   TRICHON. SC.

O LIVRAMENTO DE S. PEDRO (Quadro de Raphael)

CHRONICA

Appareceu, emfim, a doce mensageira do estio, a luminosa e garrida primavera dos poetas lyricos. Tardou, mas veio. Fez-nos repetidas negaças, dando-se ares d'amante pudibunda, mas afinal cahio nos nossos braços, acariciou-nos a epiderme com um beijo demorado e sensual.

Desesperavam já da sua vinda os pobres tisicos desenganados, e os pallidos menestreis romanticos. Prescrutando, com o olhar vago e amortecido, o horisonte onde ella teimava em não pôr as suas tintas vigorosas, uns e outros definhavam a olhos vistos, mordidos pelo desanimo, sem inspiração para umas redondilhas, sem vigor para arriscar dois passos fóra da alcova humida, tresandando a perchlorureto de ferro, a vinho de Bugeaud e a oleo de figados de bacalhau rancento.

A primavera, porém, condoeu-se d'aquelles miseros e veio robustecer-lhes o sangue desbotado, e veio affagar a musa anemica dos bardos d'alfenim, com uma restia de sol vivificadora.

A' sua apparição fulgurantissima, os cangalheiros desesperados teem visagens de Mephistopheles contorcendo-se sob o punho da espada de Valentim, e a poesia nacional enflora-se com mais uns dithyrambos de palmito, em honra das bellas auroras reluzentes que nos saúdam.

Todavia, a risonha estação dos bucolicos não appareceu, d'esta vez, animada das melhores intenções para com a humanidade saudosa dos seus perfumes e das suas caricias.

Um pouco travessa e um tudo nada traiçoeira, exhibe-se com uma versatilidade de temperaturas, que não estava nos seus habitos antigos de primavera honesta.

De manhã—legisladora authoritaria—decreta, n'um raio de sol ardente, o desterro do *pardessus* abafadiço para as profundas do guarda-fato.

À tarde—governante caprichosa—revoga o mandato pouco antes emittido, e obriga-nos a modificar a *toilette* matutina, em face do seu nordeste siberiano.

A' noite—ministra leviana—destroe, n'uma simples portaria, toda a legislação recentemente approvada pelo parlamento athmospherico, e mandando-nos envergar de novo o *pardessus*, e dizendo-nos que será bom recorrer ao agazalho do nosso *cache-nez* de seda, para o que der e vier.

Mais inconstante que a politica da nossa terra, desfaz hoje o que fez hontem, revoga amanhã o que decretara na vespera.

E quando a gente não se precata contra estas evoluções operadas consoante os seus caprichos, quando não attenta nas variantes continuas de temperatura que s. ex.ª nos envia, apanha uma constipação desalmada, tendo de recorrer ao xarope de seiva de pinheiro e aos sinapismos de Rigolot.

> Dans la première du printemps
> Au théâtre de la nature,
> Font les rhumes l'ouverture
> Avec tous les éternûments.
>
> Les amoureux, sous la coudrette,
> Voulant fêter le renouveau,
> Ne cueillent pas la violette,
> Mais bien des rhumes de cerveau.

Disse isto não sei quem e não me lembro onde, mas estou bem certo de que foi exactamente isto o que me succedeu a mim, na *première* da Primavera, sem ser *amoureux* e sem ter ido colher violetas pelas campinas fóra, festejando a recem-vinda.

Eu peço desculpa á minha illustrada e excellente collega, a sr.ª D. Guiomar Torrezão, de ter acabado de citar e quasi traduzir uns versos francezes, applicando-os ao coryza rebelde com que me brindou a quadra das flores, gentilissima.

Desde que s. excellencia recebeu, e fez publicar, *urbi et orbi*, uma honrosa missiva de Alexandre Dumas filho, em que o author da *Dame des Camelias* nega a todos os escriptores portuguezes—D. Guiomar aparte—a sciencia de traduzir francez, é caso serio e gravissimo arriscar-se a gente pelos meandros da lingua de Victor Hugo, mesmo quando tem, entre os seus papeis velhos e os pergaminhos amarellecidos das suas cartas de curso, um certificado d'exame d'aquelle idioma.

Que a minha talentosa collega me perdoe qualquer raia, caso eu a tenha perpetrado, como é de crer, e que me dê licença para contar aos leitores a historia da tal carta de Dumas, tal qual o *Figaro* a narrou ha dias, quando a attenção de Lisboa inteira estava preza aos crimes do Soriano.

Escreveu a folha pariziense:

«A critica, que de modos tão diversos tem apreciado a nova peça de M. Dumas, *Denise*, não impediu que o author recebesse, de todos os pontos do estrangeiro, propostas para deixar ali traduzir e representar aquella peça.

«Em Portugal, designadamente, sabemos que madame Guiomar Torrezão, jornalista das mais distinctas, traduziu e vae fazer representar a *Denise*, tendo recebido de Dumas a seguinte carta:

«Paris, 11 de março de 1885.

Minha senhora:

Reputo-me bastante feliz por lhe ter dado, de preferencia a qualquer outra pessoa, o direito de traduzir e de fazer representar em portuguez a minha peça, *Denise*.

Quando digo por ter dado, é um modo de fallar *toute à mon avantage*, (deixamos a phrase franceza) visto v. ex.ª ter pago e largamente aquelle direito.

E' a primeira vez que tal cousa nos succede em Portugal.

Creio e espero que este bello exemplo será seguido pelos outros traductores. O que elles poderão tambem imitar de v. ex.ª é a maneira de traduzir; mas para isso, é necessario que comprehendam, como v. ex.ª comprehende, todas as subtilezas da nossa lingua, tão difficil.

Queira aceitar, minha senhora, os protestos, etc.,

Alexandre Dumas filho.»

«Temos o maior prazer em publicar esta carta, onde se presta homenagem a madame Torrezão—accrescenta o *Figaro*—e esperamos que o exemplo por ella dado seja seguido, no interesse dos nossos litteratos, por todos os traductores estrangeiros.»

Salvos os dispauterios da traducção—perdoe-nos s. ex.ª, pelo amor de Deus, todos elles—eis a historia da carta que Alexandre Dumas filho endereçou á nossa collega, roubando-lhe o doce titulo virginal de *demoiselle*, mas vendendo-lhe—*elle a payé et tres largement*,—o direito de traduzir a *Denise* para o theatro de D. Maria.

E ahi esta como Gabriel Claudio, não isento de traduzir sem pagar,—atire a primeira pedra quem se julgar immaculado—arranjou uma descompostura monumental de Dumas para os traductores portuguezes que não satisfaziam os direitos respectivos.

Em Anvers arrastam o nosso credito pelas ruas da amargura, appellidando-nos de bancarroteiros n'umas brochuras anonymas. Em Paris põem-nos de rastos, chamando-nos larapios n'umas missivas descortezes.

A que nós chegamos!

Nós é um modo de fallar. Em boa hora o diga, eu nunca roubei Dumas nem quejandos. Tambem, o que não faço é pagar-lhes largamente as suas *Denises*, porque as lettras, entre nós, andam cotadas pelas horas da morte, e o sr. escrivão de fazenda do bairro entendeu dever contemplar-me com uma collecta monstruosa, por eu ter perpetrado em, tempos, o crime nefando de dedicar um pobrissimo soneto á Rainha.

Continuamos a viver sob o dominio de Rocambole, influenciados por uma estrella nefasta, que desenrola diante de nós crimes pavorosos e escandalos inauditos.

Hontem, um casamento simulado: hoje um parto supposto. Amanhã, se as coisas caminharem n'esta progressão sempre crescente, teremos de registrar um baptisado ficticio, e haverá, até, quem morra phantasticamente, como nos velhos melodramas de theatro.

Resumiremos a narrativa do facto, passado no 2.º andar do predio n.º 35 da calçada dos Paulistas.

Figuram na peça, como personagens principaes, um rapaz da mais fina sociedade, L. de M.; uma formosa cigana, sua amante, Margarida Alvarez; uma parteira, a sr.ª Maria dos Santos, e a creada de Margarida.

Em volta d'estes personagens apparecem, fazendo depoimentos e emittindo pareceres, os medicos mais illustres de Lisboa.

Margarida viera ha quatro annos de Hespanha, negociar, por conta alheia, com os attractivos da sua gentil mocidade. L. de M. enamorára-se d'ella, e construiu-lhe um doce ninho, muito confortavel, na calçada dos Paulistas, para onde a levou.

Mas a bella Margarida, ao que parece, não quiz só o amor e a cabana offerecidos pelo amante: fanthasiou um enlace matrimonial, com a competente coroa de larangeira symbolica, e julgou que o melhor meio para ver realisado este intento, seria presentear L. de M. com um fructo authentico d'aquellas relações peccaminosas.

A difficuldade, porém, estava exactamente n'isso. A arvore presistia em não dar fructos, nem á mão de Deus Padre! Culpa d'elle ou defeito de ambos.

Mas a loira Margarida—dizem-nos que é loira como a sua homonima do *Fausto*,—não se prendeu com aquelle pequenino embaraço. Simulou, durante mezes, um estado cada vez mais *interessante*, teve enjoos e appetites extraordinarios, fez, de parceria com L. de M., a contagem das luas, e quando se aproximava a ultima—lua funesta!—*deu á luz* uma creança alentada, que nascera vinte e quatro horas antes, do ventre d'outra mãe, e que a parteira Maria dos Santos apresentou como filha d'aquella, depois de fazer, a sós com a *parturiente*, na penumbra da alcova, a *mise-en-scéne* repugnantissima e sangrenta do estylo.

Um coração de vacca espremido convenientemente pela coma-

dre, dois gritos da *mãe* e tres vagidos da *recem-nascida*, deram ao acto a côr realista que o caso pedia.

No entanto, o *pae* da creança não se deixou illudir pela torpe comedia, e em vez de oscular soffregamente o fructo do *seu* amor, correu a informar a policia de tudo quanto se passava. Um pae tyranno!

E o mais galante do caso é que os homens de sciencia, chamados a dar parecer sobre o *parto*, tomaram a sério o sangue do coração de vacca!

Epilogo: Margarida, *quebrando o regimento imposto ás parturientes*, foi para o Aljube, de camaradagem com a comadre Maria dos Santos. A creancinha, unico personagem inconsciente d'esta comedia, foi requisitada pelo avô authentico, que só agora soube que o era: e L. de M., esse, ficou liberto das garras do amor e dos encargos pezadissimos da paternidade.

Assim se desfaz um idyllio!

C. Dantas.

O CASAMENTO DE SANTA CATHARINA

(Quadro de Correggio)

GARRETT E O SEU TEMPO

XIII

E'-nos impossivel acompanhar o sr. Gomes de Amorim em todo o seu vasto e interessantissimo estudo. Temos de saltar ora aqui, ora além, já para fazermos uma observação ou uma critica, já para copiarmos algum trecho interessante, já para accrescentarmos alguma informação ás que o sr. Gomes de Amorim congregou na sua obra. Não seguimos ordem chronologica, nem ordem de assumptos sequer: vamos perfeitamente ao acaso do nosso capricho.

Entre muitas cartas interessantes de amigos ou de conhecidos de Garrett, que figuram n'estas memorias, apparecem algumas de Manoel Rodrigues da Silva Abreu e de José Gomes Monteiro, que são verdadeiramente preciosas. Conheci essas duas sympathicas physionomias, uma pessoal e intimamente, a outra por intermedio de um amigo, que tão vivamente m'a descreveu que posso jurar que a conheci.

Manuel Rodrigues da Silva Abreu, bibliothecario de Braga, era o homem mais devotado a Garrett que nunca existiu em Portugal. O amigo a quem me referi fôra seu intimo, e folgava de me pintar frequentes vezes esse digno velho, que as suas cartas a Garrett nos fazem apreciar tão favoravelmente.

Modesto, de uma timidez quasi selvagem, cheio de honrados e invenciveis escrupulos, Silva Abreu, que abandonára um pequeno logar que exercia quando a Carta Constitucional foi derrubada pela revolução de 1836, não quiz nunca nem sollicital-o nem acceital-o de novo, quando lh'o offereceram, apezar de estar nos mais crueis apuros. Apertado quasi pela fome, escreveu a Garrett, a Herculano e a Castilho, pedindo-lhes simplesmente que favorecessem com algumas palavras de animação um livro que elle publicára, afim de ver se conseguiria vender mais alguns exemplares, cujo producto servisse para se livrar da angustiosa situação em que se encontrava.

Todos tres, que o conheciam e estimavam, satisfizeram generosamente o seu pedido: Herculano no *Panorama*, Garrett no *Correio de Lisboa* e Castilho não sabemos já em que jornal.

Não conhecemos o artigo de Castilho; o de Garrett temol-o agora pela primeira vez transcripto nas *Memorias biographicas* que temos presentes, mas o de Herculano conheciamol-o ha muito, e sempre nos fizera scismar. A publicação das cartas de Silva Abreu veio dar-nos a chave de um enigma que por muito tempo não souberamos decifrar.

Silva Abreu, que vivera sempre retirado no seu canto da provincia, era em litteratura um retardatario. Os seus ideaes eram os de 1820, ainda meio classicos, posto que já illuminados pela aurora do romantismo. Adorava Filinto Elysio, e quiz imital-o, traduzindo em verso um romance em prosa de Florian, como Filinto vertera em verso prosaico a prosa poetica dos *Martyres* de Chateaubriand. Silva Abreu lembrou-se de traduzir o *Eliezer*. Só a um arcadico de Braga lembraria traduzir semelhante coisa no tempo em que

Hugo portait déjà dans l'âme
Notre-Dame.
Et commençait à s'occuper
D'y grimper..

Imagine-se por conseguinte o meu ingenuo espanto ao encontrar no *Panorama* um largo elogio ao *Eliezer* de Silva Abreu firmado pelas iniciaes de Alexandre Herculano. «Este *Eliezer*, pensava eu, é por força uma maravilha de versificação, de estylo e de linguagem: mas, se o é, como pode perceber-se que o nome de traductor me seja completamente desconhecido? Silva Abreu nunca mais escreveria coisa alguma? Porque?

«E como se pode imaginar tambem, perguntava eu a mim proprio, que tão notavel poeta fosse ao mesmo tempo de tão mediocre gosto que perdesse o seu tempo e o seu talento com a insipida prosa do cavalheiro de Florian? E como é que Alexandre Herculano achava isto tão natural que nem tinha uma só palavra para verberar a escolha do traductor, embora elogiasse a perfeição do seu trabalho?

O que diria eu se conhecesse n'esse tempo o artigo de Garrett! Que espanto não seria o meu ao ver, sem explicação plausivel, o nosso immortal poeta a procurar todos os modos e maneiras de elogiar Florian, a achar profundamente philosophico o seu *Numa* e arrojadissimo o seu *Guilherme Tell*!

Como li agora este artigo de Garrett já com a explicação ao lado, não sei bem o que imaginaria se o tivesse lido em tempo! Parece-me comtudo que, se o artigo de Herculano me surprehendeu, o de Garrett com certeza me faria imaginar que o grande poeta n'esse tempo endoidecera.

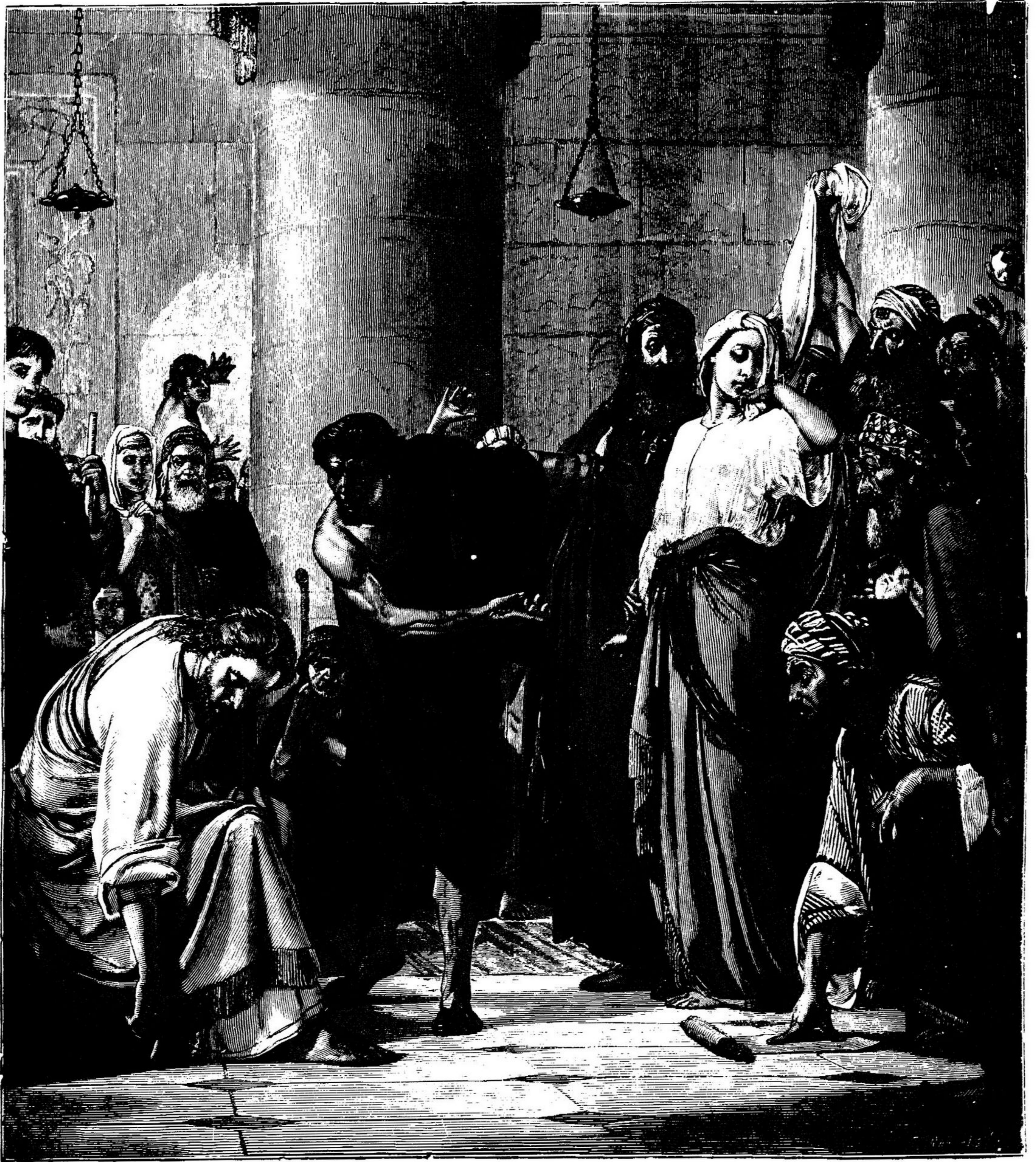
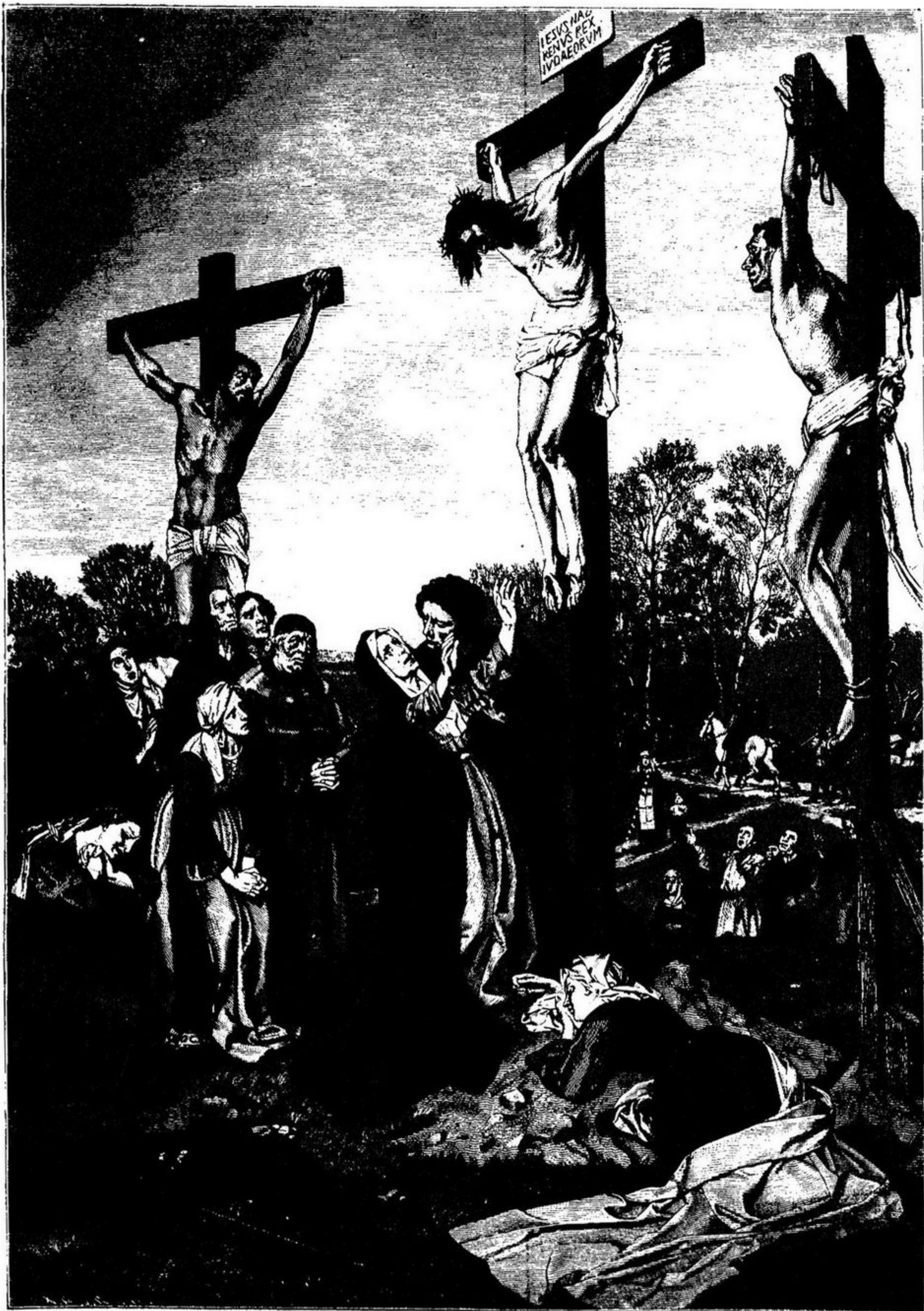
Não sei o que diria Castilho, mas, sabendo o que elle era quando queria á viva força elogiar alguem, e vendo n'uma carta de Silva Abreu a confusão em que o modesto bracharense ficou ao ter conhecimento do artigo do author da *Primavera*, imagino que este deu boa medida, e que queimou nas aras do *Eliezer* todo o incenso dos seus thuribulos.

Declaro porém que acho um espectaculo commovente o d'estes tres grandes homens fazendo os maximos esforços para exaltar aquella obrinha de Florian, e para cantar as glorias do traductor, cujos versos alias são realmente correctos, harmoniosos e vernaculos! Tratava-se de dar um pedaço de pão a um santo homem que só honradamente o queria ganhar, que não pedia, nem acceitava outro favor senão o de lhe recommendarem o seu modesto livrinho, e aqui temos Garrett sacando da sua penna mais bem aparada, da sua penna das *Viagens na minha terra*, e desfazendo-se em elogios de toda a casta ao livro, ao auctor, e ao traductor. Tudo ali é bom: typographicamente é uma maravilha. Apesar de ter sido impresso em Braga, o *Eliezer* portuguez parece mesmo que saiu dos prélos de Didot, ou de Alfredo Mame de Tours. O author é um homem extraordinario, quasi rival de Shakespeare. Até, para ser consciencioso, o pobre Garrett foi ler ou reler as obras de mr. de Florian. O traductor é um poeta de primeira ordem, o ultimo cysne da Castalia portugueza. E vira o livro, e revira-o, e torna-o a virar, e não encontra senão maravilhas por dentro e por fóra.

Herculano, mais sobrio, não é comtudo menos elogioso. As linhas que consagra ao livro de Silva Abreu mostram bem como elle desejava ser-lhe agradavel.

Não sei se se esgotou a edição do *Eliezer*, sei que Garrett, mostrando-se sempre affeiçoado a Silva Abreu, lhe alcançou emfim o unico logar que elle appetecia, o de bibliothecario de Braga, proporcionando-lhe ensejo de passar socegada e descuidosamente a sua vida entre os livros, seus queridos companheiros. Silva Abreu fez mais do que não ser ingrato, votou a Garrett um culto. Sente-se nas cartas que o sr. Gomes de Amorim publica essa verdadeira adoração, mas é ella confirmada, sobre tudo, pelo fanatismo que Silva Abreu conservou até á sua morte por Almeida Garrett. Fallava d'elle como se falla de um Deus. Nunca lhe chamava senão o «divino Garrett». Os annos que lhe sobreviveu passou-os n'um extasi perenne diante d'essa memoria respeitada e querida.

O outro correspondente de Garrett, José Gomes Monteiro, foi um homem que não teve nunca a altissima reputação que lhe cabia. De uma modestia extraordinaria, comprazia-se na sua meia obscuridade, e nunca revelou ao publico senão a centesima parte do muito que sabia. Ah! se as differentes pessoas que

A TRANSFIGURAÇÃO (Quadro de Raphael)

JESUS CHRISTO E OS PHARISEUS

JESUS NO GOLGOTHA (Quadro de E. V. Gebhardt)

tiveram relações com elle se combinassem para fazer publicar as suas cartas, que excellente, que preciosa collecção! Como então se conheceria aquelle finissimo espirito, aquella erudição perfeitamente moderna, que nunca ficara atraz dos progressos do seu tempo, e cujos thesouros espalhava com mão prodiga, favorecendo com elles quantos lh'os pediam, e que muita vez se levantavam depois com o santo e com a esmola. Se todas essas cartas se publicassem, quantas pennas de pavão lá iriamos encontrar que reconheceriamos por tel-as visto já cá por fóra no corpo de varias gralhas!...

Conheci-o nos ultimos tempos da sua vida, quando, socio gerente da livraria Moré, reunia em torno de si um grupo de rapazes intelligentes, que ou o escutavam como um oraculo, ou discreteavam largamente na sua presença, limitando-se elle a escutal-os com um sorriso affavelmente desdenhoso. Depois nas suas preciosas cartas é que desaffogava á sua vontade, e que thesouros de fina e chistosa critica não ha por ali dispersos! Esse tambem conservava piedosamente, como n'um sacrario, a memoria de Garrett, e a sua adoração, por não ter o caracter quasi fetichista da que ao author da *D. Branca* tributava Silva Abreu, não era nem menos sincera, nem menos profunda.

PINHEIRO CHAGAS.

JESUS CHRISTO!

Agora mais que nunca, ó divino martyr, precisamos do sudario das tuas lagrimas, para que todos os grandes infelizes vejam no teu caminho doloroso, desde o horto ao calvario, o supremo exemplo da resignação.

Todos os dias é decepada uma vergontea da frondosa arvore da vida, arrancado um pomo antes de amadurecer aos raios do sol de estio, levada uma folha nas azas tempestuosas do vento, antes do amarellecer sombrio do outono, antes das rajadas frias do norte, que açoita os ramos das florestas.

Santo Deus! que doença mysteriosa, que pallido espectro, que negra mortalha, que nuvem de sangue tolda o horisonte luminoso d'este seculo!

Que delirio de morte, como sombra do abysmo, preside ao festim das nossas alegrias, ao grande banquete do progresso, onde os convivas, engrinaldados de flores, bebem na taça de ouro o lethal veneno, e embebem no seio o punhal de fogo do suicidio!

Adejam sobre nós as azas negras da morte violenta; erguem-se os altares de ferro, onde se immolam as cabeças loiras, as cordeiras brancas, as pombas tristes, as rolas viuvas e gemedoras!

As harpas da poesia ideal quebram-se contra os rochedos de granito escuro, que se destacam nas sombras carregadas das ingremes serranias do mundo.

A desesperança, a noiva da morte, sacode as lagrimas de gelo das suas orbitas profundas.

Plana sobre este seculo a mão do phantasma descarnado e macilento, que brande o facho do sepulchro.

Por toda a parte, no meio das festas industriaes, no meio da grande orchestra dos canticos da vida, elle, o Ashaverus lugubre, solta aos quatro ventos a mortalha fria do cemiterio!

E o que é o cemiterio? O que é essa vasta necropole, onde descem, a todos os momentos, as pallidas hecatombes dos mortos, na irmandade mysteriosa, no silencio sombrio, na mudez dos labios fechados para sempre? Quem vae perguntar ás lapides funereas o segredo d'aquellas cinzas!

Quem vae, as noites de luar, entre as virações melancolicas dos cyprestes, quando chovem nas campas os raios das estrellas, ouvir o silencio dos tumulos? Quem indaga o mysterio assombroso da eternidade?

E caminhamos assim, com a venda nos olhos desvairados, para lá, para a profundidade infinita, para o oceano pavoroso das sombras, para o abysmo tenebroso da morte!

Que delirio, que ancia, que desespero nos impelle o braço convulsivo, que rasga as arterias, traspassa o coração, e trucida as entranhas!

E o sol ainda é bello, as violetas ainda perfumam os valles, as margaridas ainda matizam os prados, a harpa maviosa das aguas ainda sussurra entre as ramarias dos álamos, e dos sinceiraes verdejantes, acompanhando as modulações harmoniosas da ave solitaria, do rouxinol maguado e doce; e as ondinas dos lagos, e as nuvens do poente, e as orvalhadas auroras, ainda nos bordam em lavores celestes o grande quadro, o esplendido panorama, o vestido roçagante da natureza. Então, para que fechamos os olhos á luz, para que cerramos os ouvidos ás ineffaveis melodias, e abafamos o coração aos suavissimos amores de Deus?

Ai de nós! a chlamyde de purpura do oriente da vida, como a nuvem de fogo do ceu, queima-nos, e nem todas as lagrimas bastam para apagar-lhe o incendio devastador. Queima-nos este ambiente do seculo, devora-nos esta séde de felicidade, asphixia-nos esta atmosphera do mundo, que respiramos anciosos, offegantes, entre os arrancos da alma attribulada.

Nós passamos no meio dos esplendores da civilisação moderna, como os condemnados ás feras do circo romano, coroados de flores.

A nossa corôa rasga-nos a fronte com os espinhos do martyrio lento, pertinaz, intimo, lacerante, cruento e dolorosissimo.

Não ha um braço de esposa e mãe, que nos cubra com as rosas do amor as feridas sangrentas; não ha pomba e ramo de oliveira no meio d'este diluvio de aguas revoltas e negras; não ha palavra de consolação para este horrisono ranger de dentes e estalar de ossos, quebrados pela mão de ferro dos gigantes do cynismo, da gelida indifferença por todos os soffrimentos.

Resta-nos a tua palavra divina, ó Christo! Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados.

Quantas maguas despresadas, quantos suspiros perdidos no vento do deserto, quantas almas transviadas nas escabrosas veredas da desesperança!

Foste tu, ó symbolo eterno e sacrosanto do soffrimento do homem, que ergueste a fronte de todos os infelizes e de todos os martyres para o ceu da vida infinita.

A desesperança, depois do teu martyrio sublime, já não póde ser a nciva mysteriosa da morte, que vem com o sorriso desmaiado e frio, o peito de marmore, e a mão gelada, inerte, apontar-nos o nada do tumulo.

Já não se póde invocar o genio da eternidade, o genio do infinito silencio, tendo á cabeceira do nosso leito solitario, nas longas insomnias das noites tenebrosas, o rosto severo e funebre d'esse espectro fatal, a desesperança.

Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados!

A desesperança já não póde ser a nossa confidente, o alvo dos nossos maguados anhelos, o termo da nossa peregrinação dolorosa, o nosso ultimo somno.

Nos seus braços já não podemos adormecer para sempre; nos seus labios frios ja não podemos colher a flôr do beijo derradeiro.

Guia-nos tu, ó Christo, á morada eterna!

Dá-nos o travesseiro de pedra á nossa cabeça cançada, e a terra fria ao fogo das nossas paixões febris.

Se tu, ó divino martyr, o nosso doce amigo, o desvelado irmão da nossa alma, o affectuoso companheiro da nossa longa viagem.

Ensinaste-nos com as tuas lagrimas tudo o que havia além do tumulo.

Cahimos, como a doirada messe, ceifada pela foice cortadora e fria.

Depois ... as noites estrelladas, os murmurios dos cyprestes, as visões luminosas e brancas, as azas das virações maviosas e tristes, os raios da lua nas cruzes de jaspe, as estatuas silenciosas e compassivas, a soledade infinita da morte.

....

Beati qui lugent.

GUIMARÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O LIVRAMENTO DE S. PEDRO

(Quadro de Raphael)

Este soberbo quadro pintou-o Raphael para o offerecer ao valente cardeal João de Medicis, depois da sua milagrosa evasão do captiveiro.

O artista mostra-nos um carcere, onde, atravez das grades de ferro d'uma janella, se vê S. Pedro acorrentado e adormecido entre dois soldados,—emquanto um anjo, enviado por Deus para libertar o captivo, illumina toda a prisão com o irradiante lampejo de uma luz sobre-natural, cujo effeito magico é ainda mais accentuado pelas linhas obscuras das grades.

Por fóra d'este compartimento central, e no cimo dos degraus d'uma escadaria dupla, que conduz á prisão, tornou Raphael a representar o principe dos Apostolos, conduzido pelo anjo luminoso que lhe serve de guia, e cuja irradiação brilhantissima vae bater de chapa nos vultos adormecidos d'alguns soldados, encarregados de guardarem as portas, emquanto no compartimento do lado opposto despertam, sobresaltados e deslumbrados pela apparição miraculosa, outros guardas, em cujas armaduras metallicas se reflecte já a suavidade pallida d'um luar transparente, já o rutilante lampejo d'um archote,—clarões diversos e deseguaes, que ajudam a completar o drama do claro-escuro.

O CASAMENTO DE SANTA CATHARINA

(Quadro de Correggio)

A nossa gravura é copia do soberbo quadro de Correggio, o *Casamento de Santa Catharina*, que se admira, actualmente, no museu de S. Petersburgo.

A virgem, quasi de perfil, tem no regaço o menino Jesus. Santa Catharina, que está diante d'ella, de joelhos, dá a mão ao Divino Menino, que lhe vae passar ao dedo o annel, symbolo da sua união. Atraz de Santa Catharina, S. Sebastião, com as suas flechas, instrumentos do seu martyrio, sorri-se perante aquella scena mystica. Ao fundo da perspectiva, á esquerda, o pintor teve a engenhosa idéa de mostrar o santo e a santa nas mãos dos algozes que os suppliciaram.

Basta a idéa do quadro para revelar um artista de poderosa imaginação.

A tela é magnifica pela finura dos tons, pelo brilho das carnes e pela transparencia das sombras.

A TRANSFIGURAÇÃO

(Quadro de Raphael)

Este esplendido quadro, o ultimo de Raphael, foi encommendado ao grande artista pelo cardeal Julio de Medicis, que mais tarde veio a ser papa, sob o nome de Clemente VII.

Quem ha que possa fallar n'esta soberba téla, sem de prompto lhe acudir ao espirito a figura radiante de Jesus Christo a illuminar o Thabor, suspensa no ar e como se as azas de Deus a sustentassem entre o ceu e a terra?

Quem ha que lhe não lembrem logo os tres discipulos, deslumbrados e cegos pela offuscante luz que de si projecta o rosto e o proprio vestuario do Filho do Homem,—visão gloriosa que só Elias e Moysés logram contemplar?

Aquelle grupo inferior dos Apostolos, ante os quaes figura um possesso que elles declaram não saber curar, forma por si um episodio que impressiona o espirito.—um quadro que, separado, bastaria para constituir a celebridade de qualquer pintor. Mas .. que pena faz haver tão pouca ligação entre este drama terrestre e o grupo superior! que pena vir ésta falta de nexo dividir-nos a unidade n'aquella scena tão grandiosa! que pena, inclusivamente, haver o pintor introduzido ali as duas figuras dos martyres S. Julião e S. Lourenço, ficando assim transtornada a symetria do grupo sublime em que a humanidade se transfigura e a divindade surge luminosa e radiante!

A cabeça d'aquelle Christo foi o supremo esforço do genio de Raphael.

Depois de a concluir, não mais voltou a pegar nos pinceis.

A morte veio colhel-o n'esse proprio momento.

JESUS NO GOLGOTHA

(Quadro de E. V. Gebhardt)

E' bastante conhecido o quadro e a ninguem é estranho o assumpto.

O Nazareno, crucificado e exangue, está entre dois facinoras suppliciados como Elle. A *Mater Dolorosa* chora aos pés da Cruz, cercada pelos adoradores fieis do Martyr sublime, que o contemplam tristemente.

JESUS CHRISTO E OS PHARISEUS

O quadro que apresenta a nossa gravura refere-se á passagem do Evangelho descripta por S. João, capitulo VIII:

«Então, os escribas e os phariseus trouxeram-lhe uma mulher «surprehendida em adulterio, e apresentando-lh'a, disseram-lhe: «Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante delicto de adul«terio: a lei de Moisés ordena que seja apedrejado quem tal pra«ticar. E tu, que dizes?

«E diziam isto para o tentarem e poderem accusal-o; porém Je«sus inclinára-se e escrevia no chão com o dedo.

«E como insistissem perguntando-lhe, levantou-se e disse-lhes: «Aquelle, de entre vós, que isento exempto de peccado, que lhe «atire a primeira pedra.»

A CARIDADE

(Quadro de Correggio)

Outro quadro do famoso Correggio.

A Caridade é representada por uma formosa mulher de seios opulentos, formas esculpturaes e sorriso angelico, amamentando tres criancinhas desnudadas, que procuram o seu calor e os seus affagos.

Admira-se n'este bello quadro, cheio d'inspiração, a transparencia da epiderme e a *morbidezza* das carnes das figuras.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Para darmos cabida a mais uma gravura e a um bello artigo *Jesus Christo!* do nosso fallecido collaborador, Guimarães Fonseca, reduzimos hoje a nossa secção *Passatempos*.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Esta eminencia com este passaro falla muito 2—2.

Barquinha. ASSIGNANTE.

No corpo esta arma é dinheiro—1—2.

Lisboa. A. C.

Esta lettra e esta arma está na missa—1—3.

Redondo. A. V. C.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avéssas, arvore—2.

A's direitas e ás avéssas, brinco de criança—3.

Machico. JOÃO VICTORINO DE FREITAS.

PROBLEMA

Achar 3 numeros, cujos productos, dois a dois, sejam eguaes a 240, 160 e 96.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Caravela—Serpa—Pucaro—Vice-Deus—Lanterna—Cajado—Carmelina—Lagosta—C a r o l i n a
a d e l i n o
r e p a i o
o l a v a
l i r a
i n o
n o
a

—Na ma ta
ma da ma
ta ma ra

DAS ADIVINHAS POPULARES:—Dado—Bainha d'espada.

DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Ganges.

DO LOGOGRIPHO:—Mensageiro.

DO PROBLEMA:—Os numeros são 16, 15 e 14.

O DINHEIRO

Quem ha que não lhe reconheça a poderosa influencia? E, sobre tudo, quem não ambicione a posse d'esse *vil metal*, na phrase dos poetas rotos e famintos?

O dinheiro representa a verdadeira realeza perante a qual se submettem todos os escrupulos, se dobram todas as conveniencias, se curvam todos os respeitos e abatem todas as vaidades.

No meio do turbilhão levantado pelo espirito essencialmente mercantilista do nosso seculo, o dinheiro é o poder supremo, é a unica força verdadeiramente irresistivel. A idolatria do bezerro de ouro nunca teve uma tão forte e tão universal preponderancia como hoje, em que o dinheiro é considerado o nervo exclusivo da felicidade humana, a unica alavanca que póde levantar e engrandecer as nações e os homens. Já o poeta o dizia:

> Le plus ou moins d'argent nous fait ce que nous sommes,
> Et c'est par sa valeur que l'on compte les hommes.

Effectivamente, o que valem, em presença do dinheiro, talento, pudor, sciencia, honras, dignidades, leis, principios e virtudes? O dinheiro dispensa perfeitamente tudo isso. Com elle o homem é tudo: sem elle nada é.

A posse do ouro póde fazer de um scelerado o cidadão mais digno e respeitavel d'este mundo, assim como a sua ausencia póde converter n'um bandido o mais austero modelo de probidade immaculada: póde guindar ao fastigio da gloria e da celebridade o mais completo insignificante, como póde sepultar no olvido e na indifferença o mais util e dedicado dos sabios: póde converter em risonhas alegrias o mais tetrico desconforto, porque o dinheiro é como lagrimas auriferas que o destino chora sobre as miserias da pobre humanidade: póde tocar o coração da mulher insensivel ao nosso amor, ás nossas supplicas, ás nossas lagrimas, e d'elle fazer brotar mananciaes de ternura ineffavel, como a vara biblica de Moysés, ao tocar no rochedo do deserto, d'elle fazia manar a agua crystallina que dessedentava as caravanas sequiosas; póde, emfim, tudo quanto se imagine de mais extraordinario, porque o seu prestigio é enorme, porque é o mais poderoso elemento social que se conhece, porque exerce sobre a sociedade um predo-

minio fatal e imperioso a que nada, absolutamente nada, consegue subtrahir-se.

Sem duvida alguma, o dinheiro tem influido nos destinos das nações muito mais do que o derramamento das idéas, do que a divulgação d'essas apregoadas conquistas do pensamento humano. Todos os estadistas celebres, todos os generaes eminentes, teem alcançado pelo dinheiro, o que jámais, porventura, obteriam pelos seus talentos politicos ou pela sua pericia estrategica. Um conquistador notavel, o marechal de Trivulce, affirmava que tres coisas apenas eram necessarias para fazer a guerra: —primeira—dinheiro; segunda—dinheiro; terceira—dinheiro. O nosso marquez de Pombal era tambem de egual parecer. «Vale muito mais (escrevia elle n'uma carta dirigida a Francisco d'Almeida) vale muito mais e custa menos caro fazer a guerra com dinheiro, do que com exercitos.» Este principio, de uma incontestavel verdade, foi sempre seguido á risca pelo sagaz ministro de D. José, que empregou constantemente o dinheiro como principal arma, na guerra implacavel que moveu á côrte pontificia: e, por intervenção do *sordido* metal, arrancou elle todas as concessões das consciencias pouco escrupulosas dos *proporati* romanos.

E' que o dinheiro, como dizia o nosso Tolentino,—o malfadado poeta que depois de consumir a intelligencia e estafar a musa galhofeira a incensar os grandes e os poderosos, abandonou a illusoria scena da existencia tão pobre como sempre vivera; o invicto dinheiro, na sua phrase,

«Tem o direito da força
E' o tyranno do mundo.»

E quer queiram, quer não, é forçoso que todos lhe supportem a tyrannia. Podem os mais eximios moralistas insurgir-se indignados contra a decadencia, contra a baixeza do nivel moral d'este seculo, que assim se deixa invadir e corromper pelo espirito do interesse vil e mesquinho: podem verberar como indigna e execravel a influencia materialista do ouro,—que tudo compra, que tudo domina, que tudo corrompe,—que essa influencia não deixará, por isso, de ir sendo cada vez maior, porque o dinheiro existe no fundo de todos os sonhos, é o objectivo de todos os esforços, é o alvo de todas as honras, é o fanal de todas as aspirações, é a méta de todas as carreiras.

E que admira que assim seja, se, como diz João de Deus,

«O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!
Tem tanta graça, o maldito,
Tem tanto chiste, o ladrão!»

A CARIDADE (Quadro de Correggio)

Tu propria, formosa leitora, que te julgas completamente desprendida das grosseiras materialidades da vida, que deixas boiar o espirito delicado n'uns ideaes perfumados de um lyrismo ultra-romantico, que sonhas, talvez, a felicidade, não nos faustos da opulencia mas na doce e tranquilla ventura do amor compartilhado, embora longe do mundo, sob o colmo de uma choupana humilde: tu propia, que n'este momento me estás lendo com o mais desdenhoso sorriso, não consegues, por mais que faças subtrahir-te ao magnetico influxo do ouro; tu propria disputas a mercês da sua realeza olympica, porque todos os prazeres que disfructas, todas as commodidades que te rodeiam, as toilettes escolhidas com que realças a tua formosura, esses moveis de *érable* e esses gentis *bibelots* que povoam o ninho elegante e confortavel do teu pequenino *boudoir*, tudo isso custou dinheiro e muito dinheiro. Até os livros que lês, e que te lançam na mente esses ideaes vaporosos e risonhos, até os poetas que te deliciam com os seus versos apaixonados e quentes, tudo isso é o resultado do dinheiro. Sim, querida leitora, porque tu deves saber que é o ro que estimula o genio, que fecunda o talento, e embora pareça ás vezes que o destino, por uma ironia amarga, se compraz em perseguir e maltratar essas creaturas incomprehendidas, cuja alma paira sobranceira nas regiões luminosas onde ha, a um tempo, rastros de estrellas e clarões de auroras: embora o parecer do velho arcade

«Não escreve Lusiadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forrados de damasco;»

embora tudo isso, o que é certo é que, se os poetas só modulam as suas endeixas sentidas, ou cinzelam as suas estrophes ardentes, quando não tem dinheiro, a rasão d'esse phenomeno, que tão extranho se te afigura, é simplicissima:—é porque, versejando, dedilhando a suas lyras melodiosas, é que elles exactamente conseguem... obter dinheiro.

MAGALHÃES FONSECA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA